









INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS E CONDUTAS RACISTAS NA ADOLESCÊNCIA

INSTRUMENT FOR IDENTIFYING RACIST BEHAVIORS AND CONDUCT IN ADOLESCENCE

INSTRUMENTO DE IDENTIFICACIÓN DE COMPORTAMIENTOS Y CONDUCTAS RACISTAS EN LA ADOLESCENCIA

 Tarciso Feijó da Silva¹
 Roberta Geórgia de Souza dos Santos¹
 Verônica Caé da Silva Moura²
 Rogério Bittencourt de Miranda¹
 Hugo Pinto de Almeida¹
 Nicolle Silva de Menezes¹
 Juliana de Moura Rodrigues¹
 Bruno Santos Moreira¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Faculdade de Enfermagem – ENF, Departamento de Enfermagem de Saúde Pública. Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

²Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN, Departamento de Metodologia em Enfermagem. Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

Autor Correspondente: Tarciso Feijó da Silva
E-mail: tarcisofejoo@yahoo.com.br

Contribuições dos autores:

Análise estatística: Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura, Rogério B. de Miranda, Hugo P. de Almeida, Nicolle S. de Menezes, Juliana M. Rodrigues, Bruno S. Moreira; **Coleta de Dados:** Tarciso F. da Silva, Nicolle S. de Menezes, Juliana M. Rodrigues, Bruno S. Moreira; **Conceitualização:** Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura; **Gerenciamento do Projeto:** Tarciso F. da Silva; **Investigação:** Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura, Rogério B. de Miranda, Hugo P. de Almeida, Nicolle S. de Menezes, Juliana M. Rodrigues, Bruno S. Moreira; **Metodologia:** Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura, Rogério B. de Miranda, Hugo P. de Almeida; **Redação - Preparo do Original:** Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura; **Redação - Revisão e Edição:** Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura, Rogério B. de Miranda, Hugo P. de Almeida, Nicolle S. de Menezes, Juliana M. Rodrigues, Bruno S. Moreira; **Software:** Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura, Rogério B. de Miranda, Hugo P. de Almeida; **Supervisão:** Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura, Rogério B. de Miranda; **Validação:** Tarciso F. da Silva, Roberta G. S. dos Santos, Verônica C. S. Moura, Rogério B. de Miranda, Hugo P. de Almeida, Nicolle S. de Menezes, Juliana M. Rodrigues, Bruno S. Moreira.

Fomento: Não teve financiamento

Submetido em: 15/07/2025

Aprovado em: 13/04/2026

Editores Responsáveis:

 Assis do Carmo Pereira Júnior
 Tânia Couto Machado Chianca

RESUMO

Objetivo: desenvolver e validar o conteúdo de um instrumento para identificação de comportamentos e condutas racistas entre adolescentes autodeclarados como brancos. **Método:** estudo metodológico, de abordagem quantitativa, fundamentado na psicometria. Realizou-se revisão da literatura, elaboração dos indicadores, aplicação piloto, validação de conteúdo com 10 especialistas das áreas de saúde e educação, validação aparente com adolescentes e análise da fidedignidade por meio da consistência interna (Alfa de Cronbach) e da estabilidade temporal (teste-reteste) com 104 adolescentes do Ensino Médio, sem a análise de validade de construto nesta etapa. **Resultados:** o instrumento, composto por 13 indicadores distribuídos em quatro dimensões (percepção do privilégio, comportamentos racistas implícitos, comportamentos racistas explícitos e influência familiar), apresentou índice médio de validade de conteúdo de 92,76 % para adequação, 90,88 % para clareza e 92,47 % para fidedignidade. A consistência interna foi satisfatória ($\alpha = 0,75$) e a estabilidade temporal foi excelente (92,47%). **Conclusão:** o instrumento apresentou evidências iniciais de validade de conteúdo e fidedignidade, configurando-se como ferramenta para o rastreamento de comportamentos e condutas racistas na adolescência, em contextos de saúde e educação.

Palavras-chave: Adolescente; Racismo; Educação; Ensino Fundamental e Médio; Saúde; Psicometria; Indicadores Sociais; Fatores Socioeconômicos; Indicadores de Desigualdade em Saúde; População Branca.

ABSTRACT

Objective: to develop and validate the content of an instrument for identifying racist behaviors and conduct among adolescents who self-identify as white. **Method:** this is a methodological study with a quantitative approach, grounded in psychometrics. A literature review was performed, followed by the development of indicators, a pilot study, content validation with 10 specialists in the fields of health and education, face validity with adolescents, and reliability analysis through internal consistency (Cronbach's alpha) and temporal stability (test-retest) with 104 high school adolescents, without construct validity analysis at this stage. **Results:** the instrument, composed of 13 indicators distributed across four dimensions (perception of privilege, implicit racist behaviors, explicit racist behaviors, and family influence), showed a mean content validity index of 92.76% for adequacy, 90.88% for clarity, and 92.47% for reliability. Internal consistency was satisfactory ($\alpha = 0.75$) and temporal stability was excellent (92.47%). **Conclusion:** the instrument showed initial evidence of content validity and reliability, establishing itself as a tool for screening racist behaviors and conduct in adolescence within health and education settings.

Keywords: Adolescent; Racism; Education; Education, Primary and Secondary; Health; Psychometrics; Social Indicators; Socioeconomic Factors; Health Inequality Indicators; White People.

RESUMEN

Objetivo: desarrollar y validar el contenido de un instrumento para la identificación de comportamientos y conductas racistas en adolescentes autodeclarados como blancos. **Método:** estudio metodológico, de enfoque cuantitativo, fundamentado en la psicometría. Se realizó una revisión de la literatura, elaboración de los indicadores, aplicación piloto, validación de contenido con 10 especialistas en las áreas de salud y educación, validación aparente con adolescentes y análisis de la confiabilidad mediante la consistencia interna (alfa de Cronbach) y la estabilidad temporal (prueba-reprueba) con 104 adolescentes de Enseñanza Media, sin análisis de validez de construto en esta etapa. **Resultados:** el instrumento, compuesto por 13 indicadores distribuidos en cuatro dimensiones (percepción del privilegio, comportamientos racistas implícitos, comportamientos racistas explícitos e influencia familiar), presentó un índice medio de validez de contenido de 92,76 % para adecuación, 90,88 % para claridad y 92,47 % para confiabilidad. La consistencia interna fue satisfactoria ($\alpha = 0,75$) y la estabilidad temporal fue excelente (92,47 %). **Conclusión:** el instrumento presentó evidencias iniciales de validez de contenido y confiabilidad, constituyéndose como una herramienta para el rastreo de comportamientos y conductas racistas en la adolescencia, en contextos de salud y educación.

Palabras clave: Adolescente; Racismo; Educación; Educación Primaria y Secundaria; Salud; Psicometría; Indicadores Sociales; Factores Socioeconómicos; Indicadores de Desigualdad en Salud; Población Blanca.

Como citar este artigo:

Silva TF, Santos RGS, Moura VCS, Miranda RB, Almeida HP, Menezes NS, Rodrigues JM, Moreira BS. Instrumento de identificação de comportamentos e condutas racistas na adolescência. REME - Rev Min Enferm. 2026[citado em _____];30:e-1592. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2316-9389.2026.60327>

INTRODUÇÃO

As desigualdades raciais configuram-se como um dos eixos estruturantes das iniquidades sociais no Brasil, sendo historicamente produzidas a partir de processos de colonização, escravização e institucionalização de hierarquias raciais que permanecem operantes na contemporaneidade. Essas desigualdades não se limitam ao plano econômico, mas se expressam de forma cotidiana por meio de práticas simbólicas, discursivas e comportamentais que sustentam assimetrias de poder entre grupos racializados, inclusive no contexto escolar. A adolescência, como período de intensa construção identitária, socialização e internalização de valores, constitui um momento particularmente sensível para a incorporação de normas sociais relacionadas à raça e aos privilégios associados à branquitude. Nesse contexto, atitudes e comportamentos racistas manifestados por adolescentes brancos não devem ser compreendidos apenas como expressões individuais, mas como práticas socialmente produzidas que contribuem para a reprodução de estruturas raciais desiguais e para a manutenção de padrões históricos de exclusão⁽¹⁻³⁾.

A compreensão do racismo adotada neste estudo está fundamentada em uma perspectiva estrutural, segundo a qual o racismo é concebido como um sistema histórico e socialmente produzido que organiza, de forma desigual, a distribuição de recursos, oportunidades e reconhecimento entre grupos raciais. Nessa abordagem, o racismo não se restringe a manifestações individuais ou episódicas; constitui uma lógica que atravessa instituições, práticas sociais e formas de interação, operando simultaneamente nos níveis estrutural, institucional e simbólico. Isso implica reconhecer que as desigualdades raciais são continuamente produzidas e reproduzidas nas dinâmicas sociais, independentemente da intencionalidade dos sujeitos envolvidos^(3,4).

Articulada a essa perspectiva, a noção de branquitude é compreendida como uma posição social historicamente construída, caracterizada pela produção e manutenção de privilégios materiais e simbólicos associados à identificação racial branca. Esses privilégios tendem a operar de forma naturalizada e invisibilizada, sendo frequentemente percebidos como universais ou neutros, o que dificulta sua problematização crítica. Nesse sentido, a branquitude não se configura como uma característica individual, mas como uma posição relacional que se constitui em contraste com outros grupos racializados, especialmente a população negra, produzindo e reproduzindo assimetrias de poder^(5,6).

A articulação entre racismo estrutural e branquitude permite compreender que o racismo não se manifesta apenas por meio de atos explícitos de discriminação, mas também por práticas sutis, implícitas e naturalizadas que atravessam as interações sociais cotidianas, incluindo formas de silêncio, negação, minimização e reprodução de estereótipos. No contexto da adolescência, essas expressões assumem relevância particular, uma vez que esse período é marcado pela consolidação de valores, crenças e posicionamentos sociais que podem tanto reforçar quanto tensionar tais estruturas.

Evidências científicas indicam que adolescentes brancos frequentemente tendem a minimizar ou negar a existência do racismo, atribuindo-o a situações isoladas ou a comportamentos individuais, desconsiderando sua dimensão estrutural e institucional^(7,8). Esse movimento de negação contribui para a manutenção de uma lógica de invisibilidade racial, na qual o privilégio branco não é reconhecido como tal, reforçando a reprodução de desigualdades. Tal processo não ocorre de forma isolada, pois é mediado por múltiplos espaços de socialização, especialmente a família e a escola, que desempenham um papel central na reprodução ou na contestação dessas práticas ao moldarem percepções, valores e posicionamentos em relação às diferenças raciais^(9,10).

A articulação entre racismo, escola e saúde torna-se particularmente relevante quando se consideram os impactos diretos e indiretos dessas dinâmicas sobre o bem-estar de adolescentes, sobretudo daqueles pertencentes a grupos racialmente vulnerabilizados. Evidências apontam que a exposição a experiências de racismo no ambiente escolar está associada a desfechos negativos em saúde mental, incluindo sintomas depressivos, ansiedade, ideação suicida e uso de substâncias, evidenciando que o racismo constitui um determinante social relevante da saúde^(9,10). Nesse sentido, comportamentos racistas praticados ou tolerados por adolescentes brancos não apenas refletem posicionamentos individuais, mas produzem efeitos concretos sobre a vida de adolescentes negros, contribuindo para processos de exclusão, sofrimento psíquico e desigualdade de oportunidades.

Embora estratégias educativas e políticas públicas de enfrentamento ao racismo devam ser implementadas em diferentes contextos, independentemente da existência de instrumentos específicos, a disponibilidade de ferramentas adequadas pode qualificar significativamente a identificação de padrões comportamentais, subsidiando intervenções mais direcionadas, monitoráveis e baseadas em evidências. Por outro lado, a inexistência de instrumentos psicometricamente validados, voltados especificamente

à identificação de comportamentos e condutas racistas entre adolescentes brancos, não impede a realização de ações educativas, mas limita a capacidade de mensuração sistemática desse fenômeno, dificultando o planejamento, a avaliação e o aprimoramento de estratégias intersetoriais no campo da saúde e da educação.

A produção de conhecimento sistematizado sobre atitudes racistas entre adolescentes brancos insere-se em uma agenda mais ampla de promoção da equidade racial, dialogando com compromissos internacionais, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em especial a meta 10.3, que propõe a redução das desigualdades, e a meta 4.7, que enfatiza a educação para os direitos humanos e a construção de sociedades mais justas⁽¹¹⁾. Nessa perspectiva, a construção de instrumentos válidos e confiáveis amplia a capacidade diagnóstica e fortalece a atuação de profissionais de saúde, educação e enfermagem na implementação de práticas intersetoriais comprometidas com a justiça social.

Apesar dos avanços na produção científica sobre o racismo, observa-se uma lacuna metodológica importante no que se refere à mensuração sistemática de comportamentos e condutas racistas entre adolescentes brancos, especialmente por meio de instrumentos que considerem simultaneamente dimensões explícitas, implícitas e contextuais, como a influência familiar. A ausência de ferramentas com essas características limita a compreensão aprofundada do fenômeno e restringe o desenvolvimento de intervenções baseadas em evidências, reforçando a necessidade de construção de instrumentos psicométricos que operacionalizem esse construto de forma teoricamente fundamentada e empiricamente verificável.

Diante do exposto, e considerando que o enfrentamento ao racismo requer abordagens críticas, interdisciplinares e sustentadas em evidências, este estudo tem como objetivo desenvolver e validar o conteúdo de um instrumento para identificação de comportamentos e condutas racistas entre adolescentes autodeclarados brancos.

MÉTODO

Trata-se de um estudo metodológico de abordagem quantitativa, voltado à construção e à validação inicial de um instrumento destinado à identificação de comportamentos e condutas racistas na adolescência, especificamente entre adolescentes autodeclarados brancos. Este artigo integra um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado “Acolhimento e redes de produção do cuidado de adolescentes escolares”, vinculado ao Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROCIÊNCIA/ UERJ).

Utilizou-se como referencial metodológico a Psicometria, ciência dedicada à mensuração de fenômenos latentes por meio de indicadores observáveis⁽¹²⁾. A seleção da amostra foi do tipo intencional, baseada em critérios previamente definidos, incluindo especialistas na temática e adolescentes em diferentes fases do estudo. O tamanho amostral foi estipulado com base nas recomendações psicométricas, as quais indicam de seis a dez juízes para a validação de conteúdo e de cinco a dez respondentes por item do instrumento em fases quantitativas⁽¹³⁾.

Foram adotados critérios de inclusão e exclusão específicos para cada grupo participante do estudo. Para os especialistas, foram incluídos profissionais das áreas da saúde e/ou da educação com experiência na temática da adolescência, no racismo ou no cuidado em saúde de adolescentes, com atuação em ensino, pesquisa ou assistência e titulação mínima de mestrado. Foram excluídos aqueles que não responderam integralmente ao instrumento ou que não atenderam aos critérios de experiência na área.

Para os adolescentes, foram incluídos estudantes do ensino médio com idades entre 15 e 18 anos, autodeclarados brancos, regularmente matriculados nas instituições participantes e que apresentaram o Termo de Assentimento, além do consentimento de seus responsáveis legais. Foram excluídos adolescentes com preenchimento incompleto dos instrumentos, ausência em alguma das etapas do estudo ou que não atenderam ao critério de autodeclaração racial estabelecido.

O estudo foi estruturado nas seguintes etapas: elaboração teórica e construção dos itens, aplicação piloto, validação de conteúdo, validação aparente e avaliação da fidedignidade⁽¹³⁻¹⁵⁾. A descrição metodológica seguiu os princípios das *Guidelines for Reporting Reliability and Agreement Studies (GRRAS)* para os estudos de confiabilidade e validade⁽¹⁶⁾.

Ressalta-se que este estudo corresponde a uma etapa inicial do processo de validação do instrumento, não tendo sido realizadas análises de validade de construto, como a análise fatorial exploratória ou a confirmatória, nem de validade de critério, o que limita a inferência sobre a estrutura interna e o desempenho do instrumento em diferentes contextos.

Elaboração teórica e construção dos indicadores

A construção teórica do instrumento fundamentou-se em uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional, orientada pela questão norteadora: “Quais

comportamentos, atitudes e expressões do racismo entre adolescentes brancos têm sido descritos na literatura científica?”. A busca foi realizada na biblioteca virtual SciELO e nas bases de dados LILACS e MEDLINE/PubMed, utilizando a combinação de descritores controlados relacionados a adolescência, racismo, discriminação racial e comportamentos sociais. Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados entre 2013 e 2023, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem manifestações de racismo explícito, implícito, estrutural e microagressões, bem como fatores associados e estratégias de enfrentamento. A revisão não foi registrada previamente em plataformas como PROSPERO ou OSF por se tratar de uma etapa exploratória destinada à fundamentação teórica do instrumento. A primeira etapa do estudo envolveu a revisão da literatura nacional e internacional com abordagens relacionadas ao racismo na adolescência, incluindo discussões sobre o privilégio branco, microagressões, racismo implícito e explícito, além da influência familiar. Autores como Santos et al.⁽²⁾, Munanga⁽¹⁷⁾, Collins⁽¹⁸⁾ e Ribeiro⁽¹⁹⁾ destacam que a reprodução de comportamentos racistas pode ocorrer desde a infância e a adolescência, sendo influenciada pelos meios familiar, escolar e midiático. Estudos apontam que adolescentes brancos nem sempre reconhecem o privilégio associado à sua cor de pele, o que favorece a banalização do racismo e dificulta a construção de uma cultura de igualdade racial^(2,20).

Com base nesses estudos, foram elaborados indicadores organizados em quatro dimensões: Percepção do Privilégio Branco, Comportamentos Racistas Implícitos, Comportamentos Racistas Explícitos e Influência Familiar. A construção dos indicadores foi orientada pela necessidade de capturar de que modo os adolescentes brancos identificam, negam ou reproduzem condutas discriminatórias em seu cotidiano. A versão inicial do instrumento foi composta por 13 indicadores estruturados em uma escala do tipo Likert de cinco pontos, com as seguintes opções de resposta: discordo totalmente (1 ponto), discordo (2 pontos), não concordo nem discordo (3 pontos), concordo (4 pontos) e concordo totalmente (5 pontos). O modelo conceitual foi ancorado em diretrizes para o desenvolvimento de escalas psicométricas, que incluem a definição do construto, a geração dos itens, a escolha do formato de resposta e a revisão fundamentada em critérios teóricos⁽¹²⁾.

Aplicação piloto

A aplicação piloto foi realizada com 32 adolescentes autodeclarados brancos, estudantes do ensino médio

de uma escola pública estadual do município do Rio de Janeiro, com idades entre 15 e 18 anos, durante o período de coleta de dados compreendido entre março e junho de 2025. Todos os participantes assinaram o Termo de Assentimento, e seus responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O objetivo foi avaliar a clareza, a compreensão e a aplicabilidade do instrumento. Os adolescentes analisaram cada item em uma escala ordinal de três pontos (1 = não atende; 2 = atende parcialmente; 3 = atende totalmente) e foram convidados a registrar sugestões por escrito. Em seguida, foi conduzida uma roda de conversa em grupo, caracterizada como brainstorming, o que permitiu aprofundar e discutir as sugestões apresentadas. Com base nas contribuições, foram realizadas adequações semânticas e a reformulação de indicadores.

Validação de conteúdo

A versão revisada foi submetida à avaliação de dez especialistas, sendo cinco da área da saúde e cinco da educação, com expertise na temática da adolescência, do racismo, da educação ou do cuidado em saúde de adolescentes, incluindo atuação em ensino, pesquisa ou assistência, titulação mínima de especialista e experiência comprovada na área. Os especialistas analisaram a clareza, a relevância e a abrangência dos itens por meio de uma escala ordinal de quatro pontos (1 = não adequado; 2 = adequado com revisão; 3 = adequado com pequena revisão; 4 = totalmente adequado). O Índice de Validade de Conteúdo (IVC) foi calculado pela fórmula: $IVC = (n^\circ \text{ de especialistas que atribuíram nota 3 ou 4}) \div (\text{total de especialistas})$, considerando-se satisfatório o valor $\geq 0,70$ para cada item⁽¹⁵⁾. As análises quantitativas foram complementadas por um exame qualitativo das sugestões apresentadas pelos especialistas, utilizando-se critérios de agrupamento por convergência temática⁽²¹⁾. Para assegurar a consistência do processo, a versão revisada do instrumento foi reenviada aos especialistas para a confirmação final de sua adequação^(22,23).

Validação aparente

A validação aparente foi realizada com 20 adolescentes, estudantes de uma escola pública estadual, com o objetivo de avaliar a clareza e a familiaridade com os termos empregados. Após o preenchimento, realizou-se uma roda de conversa para coletar as impressões gerais, estratégia que permitiu identificar termos de difícil

compreensão e orientar adequações de linguagem. Esse processo contemplou a substituição de expressões ambíguas e a simplificação de enunciados, visando garantir maior acessibilidade sem comprometer a coerência teórica do instrumento⁽²¹⁾.

Avaliação da fidedignidade

A fidedignidade foi avaliada por meio da análise da consistência interna e da estabilidade temporal (teste-reteste). O instrumento foi aplicado em dois momentos distintos, com um intervalo de 14 dias entre as aplicações, em uma amostra composta por 104 adolescentes distribuídos em três turmas do ensino médio. Durante o processo, foram registradas perdas amostrais em consonância com os critérios de exclusão previamente definidos, decorrentes da ausência dos estudantes no momento do reteste, de recusas em participar da segunda aplicação e da exclusão de instrumentos com preenchimento incompleto, sendo considerados na análise apenas os participantes com dados completos em ambas as aplicações.

A consistência interna foi verificada utilizando-se o coeficiente alfa de Cronbach, considerado satisfatório quando $\geq 0,70$ ⁽²⁴⁾, reconhecendo-se suas limitações para instrumentos multidimensionais. Para a análise da estabilidade temporal, adotou-se o coeficiente de correlação intraclasse, com modelo bidirecional de efeitos aleatórios e medidas médias, considerando-se valores iguais ou superiores a 0,70. Adicionalmente, calculou-se a taxa de concordância relativa entre as respostas obtidas nas duas aplicações. Os dados foram tabulados no software *Microsoft Excel*® e analisados com o auxílio do *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 21.0. A escolha dessa plataforma visou assegurar maior robustez estatística às análises psicométricas propostas⁽²³⁾. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde⁽²⁵⁾. Todos os adolescentes participaram mediante a assinatura do Termo de Assentimento, e seus responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e

RESULTADOS

Fase de desenvolvimento do instrumento

A aplicação piloto foi realizada com 32 adolescentes de 15 a 18 anos, estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual do Rio de Janeiro, com o objetivo de avaliar a clareza, a compreensão e a aplicabilidade do

instrumento. Os adolescentes avaliaram os itens quanto à clareza em uma escala ordinal de três pontos (1 = não atende; 2 = atende parcialmente; 3 = atende totalmente), obtendo uma média geral de 2,79. Esse valor, próximo ao escore máximo, é considerado muito bom, indicando que os participantes compreenderam os itens de forma satisfatória e reconheceram sua pertinência frente às situações relacionadas ao racismo vivenciadas no cotidiano escolar.

Os itens associados à percepção do privilégio racial e às interações sociais foram considerados mais facilmente compreensíveis por refletirem experiências concretas. A partir das sugestões registradas, foram realizados ajustes linguísticos com a substituição de termos potencialmente abstratos por expressões mais acessíveis e a reestruturação de enunciados, visando a uma maior adequação à linguagem dos adolescentes.

Fase de validação de conteúdo

Na etapa subsequente, procedeu-se à validação de conteúdo com dez especialistas das áreas da saúde e da educação com expertise na temática da adolescência e do racismo. Os especialistas avaliaram os indicadores quanto à clareza, à adequação e à abrangência conceitual. A Tabela 1 apresenta os resultados referentes à análise de validade de conteúdo, considerando os critérios de adequação e de clareza dos indicadores, bem como os índices de fidedignidade do instrumento elaborado.

Em relação à adequação dos indicadores às dimensões propostas, o valor médio foi de 92,76%, com todos os indicadores apresentando percentuais superiores a 92,1%, dos quais oito superaram a marca de 92,5%. Esse desempenho indica elevado consenso entre os especialistas quanto à pertinência dos indicadores para a avaliação dos construtos definidos. No que se refere à clareza dos indicadores, a média geral foi de 90,88%, com variação entre 89,8–92,2%, demonstrando que a redação foi considerada compreensível e adequada ao público-alvo.

A análise por dimensão evidenciou consistência entre os diferentes domínios do instrumento. A dimensão Percepção do Privilégio, composta pelos indicadores 1–3, apresentou índices de adequação entre 92,1–93,1% e de clareza entre 90,3–91,1%, com índice de fidedignidade variando de 91,4–92,2%. A dimensão Comportamentos Racistas Implícitos, que reúne os indicadores 4–6, apresentou adequação entre 92,5–93,5%, clareza entre 89,8–90,8% e fidedignidade entre 90,8–92,7%, indicando elevada estabilidade das respostas.

Na dimensão Comportamentos Racistas Explícitos, constituída pelos indicadores 7–9, os valores de

Tabela 1 – Avaliação de conteúdo, clareza e fidedignidade do instrumento “Comportamentos e condutas racistas entre adolescentes autodeclarados brancos”

Dimensão	Indicador	IVC – Adequação (%)*	IVC – Clareza (%)**	Fidedignidade – Teste-reteste (%)***
Percepção do privilégio	1. Acredito que todas as raças/cor são tratadas da mesma maneira.	92.1	90.9	92.2
	2. Tenho benefícios por ter a raça/cor de pele branca.	92.7	91.1	91.4
	3. A maioria das questões raciais que existem são muito valorizadas pelas pessoas.	93.1	90.3	91.4
Comportamentos racistas implícitos	4. Eu fico desconfortável quando vejo muitas pessoas de outra raça/cor no mesmo lugar.	92.5	90.8	92.3
	5. As pessoas deveriam se manter mais próximas de pessoas da sua própria raça/cor.	92.7	90.8	92.7
	6. É comum eu fazer piadas sobre a cor da pele, cabelo, boca e nariz das pessoas de outra raça/cor	93.5	89.8	90.8
Comportamentos racistas explícitos	7. Já excluí alguém de uma atividade ou grupo por causa de sua raça/cor de pele.	92.5	91.2	93.1
	8. Eu já presenciei pessoas sendo ofendidas por sua raça/cor e não fiz nada para impedir.	93.3	90.6	93.0
	9. Acho que alguns grupos raciais são mais violentos ou perigosos do que o meu.	92.1	92.2	93.4
Influência familiar	10. Em minha casa, raramente discutimos questões relacionadas ao racismo.	92.3	91.2	93.9
	11. Minha família me ensinou que todas as pessoas são iguais, independentemente da raça/cor da pele.	93.5	90.5	93.5
	12. Já ouvi membros da minha família fazendo comentários maldosos sobre pessoas de outras raças/cor.	92.9	91.1	92.5
	13. Meus pais ou responsáveis me incentivam a tratar todos de maneira igual, sem considerar a raça/cor.	92.1	91.2	91.9
Média geral		92,76	90,88	92,47

*Percentual de especialistas que consideraram o indicador muito adequado ou adequado ao princípio;

**Percentual de especialistas que consideraram o indicador muito claro ou claro;

***Percentual de especialistas que concordaram com as respostas nas réplicas de aplicação (teste-reteste).

Fonte: Elaborado pelos autores(2026).

adequação variaram entre 92,1–93,3%, enquanto a clareza situou-se entre 90,6–92,2%, com índices de fidedignidade entre 93,0–93,4%, evidenciando consistência nas respostas. Por sua vez, a dimensão Influência Familiar, composta pelos indicadores 10–13, apresentou adequação entre 92,1–93,5%, clareza entre 90,5–91,2% e fidedignidade entre 91,9–93,9%, apontando elevada concordância entre as aplicações.

Fase de validação aparente

A versão refinada foi submetida à validação aparente com 20 adolescentes de 15 a 18 anos. Após o preenchimento do instrumento, foi conduzida uma roda de conversa, na qual os participantes relataram facilidade na leitura e na compreensão dos itens. Os adolescentes reconheceram que os conteúdos abordados refletem situações vivenciadas no ambiente escolar e nas relações sociais,

especialmente no que se refere às interações raciais. Ajustes pontuais de linguagem foram realizados, com a substituição de termos menos usuais por expressões mais acessíveis, reforçando a adequação cultural e a clareza do instrumento (Tabela 1).

Fase de validação psicométrica

A etapa final correspondeu à avaliação da fidedignidade, conduzida com 104 adolescentes do Ensino Médio, provenientes de três turmas de uma escola pública estadual. A análise da fidedignidade do instrumento, averiguada por meio da consistência interna, apresentou valor de $\alpha = 0,75$, demonstrando consistência interna aceitável, dentro dos parâmetros estabelecidos na literatura psicométrica para instrumentos em fase inicial de validação. A estabilidade temporal foi avaliada por meio do método de teste-reteste, com intervalo de 14 dias entre as aplicações, revelando concordância média de 92,47%, o que indica excelente estabilidade das respostas ao longo do tempo.

A Figura 1 apresenta a versão final do instrumento elaborado, organizada em quatro dimensões teóricas: Percepção do Privilégio, Comportamentos Racistas Implícitos, Comportamentos Racistas Explícitos e Influência Familiar. Cada dimensão é composta por indicadores estruturados em escala do tipo Likert de cinco pontos, permitindo mensurar o grau de concordância dos adolescentes em relação às afirmações propostas. A organização dos itens reflete o modelo teórico adotado e consolida o processo de construção e validação desenvolvido.

Os resultados apresentados na Tabela 1 e a configuração disposta na Figura 1 complementam-se ao demonstrar, de forma integrada, o desempenho psicométrico obtido e a estrutura final do instrumento, em consonância com o modelo conceitual que orientou sua construção.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos indicam que o instrumento desenvolvido apresentou evidências iniciais de validade de conteúdo, de validade aparente e de fidedignidade dentro dos parâmetros psicométricos considerados aceitáveis para estudos metodológicos em fase inicial, conferindo consistência ao processo de construção e indicando potencial de aplicabilidade para a identificação de comportamentos e de condutas racistas entre adolescentes autodeclarados brancos. As médias de adequação (92,76%), de clareza (90,88%) e de fidedignidade (92,47%) evidenciam desempenho satisfatório, especialmente no que se refere à compreensão dos itens e à estabilidade das respostas

ao longo do tempo. Contudo, é importante destacar que esses achados não configuram uma validação completa do instrumento, uma vez que não foram realizadas análises de validade de construto ou de critério, etapas fundamentais para a consolidação de sua estrutura interna e da sua capacidade preditiva. A literatura psicométrica reforça que a construção de instrumentos destinados à mensuração de fenômenos complexos deve ser conduzida de forma progressiva, contemplando diferentes evidências de validade e de confiabilidade, sendo a validade de conteúdo apenas uma das etapas iniciais desse processo⁽²⁶⁾. Estudos no campo da saúde e das ciências sociais aplicadas têm demonstrado que instrumentos em fase inicial podem apresentar bons índices de consistência e de clareza, sem que isso, por si só, assegure sua estabilidade estrutural ou sua invariância em diferentes contextos^(27,28). Nesse sentido, os resultados deste estudo devem ser interpretados como evidências preliminares de adequação do instrumento, indicando sua viabilidade inicial e a necessidade de aprofundamento em investigações futuras.

Quando comparado a instrumentos existentes voltados à avaliação de atitudes discriminatórias e de preconceito racial, observa-se que a literatura ainda apresenta lacunas importantes no que se refere a ferramentas específicas direcionadas a adolescentes brancos, sobretudo em contextos escolares. A maioria dos instrumentos disponíveis concentra-se na mensuração de preconceito implícito ou explícito em populações gerais ou em adultos, como escalas de atitudes raciais e medidas indiretas, a exemplo do Implicit Association Test, que avaliam vieses implícitos, mas não capturam as dimensões contextuais e relacionais do racismo no cotidiano juvenil^(29,30). Nesse cenário, o instrumento desenvolvido neste estudo apresenta como avanço a incorporação de dimensões articuladas, percepção do privilégio, comportamentos implícitos e explícitos, e influência familiar, as quais permitem uma abordagem mais contextualizada e relacional do fenômeno.

Os achados também dialogam com estudos que evidenciam que adolescentes brancos tendem a apresentar dificuldades na identificação e no reconhecimento do racismo, frequentemente adotando discursos de negação ou de minimização, o que contribui para a reprodução de desigualdades no ambiente escolar^(31,32). Nesse sentido, a elevada clareza dos indicadores observada neste estudo sugere que o instrumento foi capaz de traduzir conceitos complexos em linguagem acessível, favorecendo a identificação de atitudes que, muitas vezes, permanecem naturalizadas nas interações cotidianas.

Destaca-se que o presente estudo concentrou-se em adolescentes na faixa etária de 15–18 anos, período

Figura 1 – Instrumento para identificação de comportamentos e condutas racistas entre adolescentes autodeclarados brancos.

INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS E CONDUTAS RACISTAS ENTRE ADOLESCENTES AUTODECLARADOS BRANCOS		
INSTRUÇÕES		
<p>O objetivo deste instrumento é auxiliar na identificação de comportamentos e condutas racistas entre adolescentes autodeclarados brancos. Deve ser aplicado em adolescentes autodeclarados brancos, com o intuito de subsidiar ações de prevenção do racismo.</p> <p>Para responder ao instrumento, leia cada afirmação e marque a opção que melhor representa o quanto você concorda ou discorda, de acordo com a seguinte escala:</p> <p>1 - Discordo totalmente, 2 - Discordo, 3 - Nem concordo nem discordo, 4 - Concordo, 5 - Concordo totalmente.</p>		
DIMENSÃO	INDICADOR	ESCALA DE RESPOSTA
Percepção do privilégio	1. Acredito que todas as raças/cor são tratadas da mesma maneira.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	2. Tenho benefícios por ter a raça/cor de pele branca.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	3. A maioria das questões raciais que existem são muito valorizadas pelas pessoas.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Comportamentos racistas implícitos	4. Eu fico desconfortável quando vejo muitas pessoas de outra raça/cor no mesmo lugar.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	5. As pessoas deveriam se manter mais próximas de pessoas da sua própria raça/cor.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	6. É comum eu fazer piadas sobre a cor da pele, cabelo, boca e nariz das pessoas de outra raça/cor	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Comportamentos racistas explícitos	7. Já excluí alguém de uma atividade ou grupo por causa de sua raça/cor de pele.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	8. Eu já presenciei pessoas sendo ofendidas por sua raça/cor e não fiz nada para impedir.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	9. Acho que alguns grupos raciais são mais violentos ou perigosos do que o meu.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Influência familiar	10. Em minha casa, raramente discutimos questões relacionadas ao racismo.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	11. Minha família me ensinou que todas as pessoas são iguais, independentemente da raça/cor da pele.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	12. Já ouvi membros da minha família fazendo comentários maldosos sobre pessoas de outras raças/cor.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
	13. Meus pais ou responsáveis me incentivam a tratar todos de maneira igual, sem considerar a raça/cor.	1 2 3 4 5 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

Fonte: Elaborado pelos autores(2026).

correspondente ao ensino médio, caracterizado por maior consolidação de valores, da identidade social e de posicionamentos diante de temas como raça e desigualdade. Evidências indicam que, nessa fase, os adolescentes apresentam maior capacidade de abstração e de reflexão crítica; porém, também podem reproduzir, de forma mais estruturada, discursos de negação ou de minimização do racismo, especialmente quando inseridos em contextos sociais que naturalizam privilégios raciais^(31,32).

Estudos recentes apontam que adolescentes nessa faixa etária já vivenciam de forma mais intensa as dinâmicas sociais e institucionais do racismo, tanto como observadores quanto como agentes nas interações escolares, o que reforça a importância de instrumentos capazes de identificar padrões comportamentais nesse grupo específico^(9,32). Nesse sentido, a construção de ferramentas direcionadas a adolescentes do ensino médio contribui para ampliar a capacidade de diagnóstico e de intervenção em um momento crítico do desenvolvimento social e moral.

A relação entre o racismo, o ambiente escolar e a saúde, evidenciada nos resultados, encontra respaldo na literatura, a qual aponta que experiências de discriminação racial estão associadas a importantes desfechos negativos na saúde mental, incluindo sintomas depressivos, ansiedade e comportamento suicida^(9,10). Esses efeitos recaem predominantemente sobre os adolescentes negros, evidenciando que comportamentos racistas, ainda que naturalizados ou não reconhecidos como tais, produzem impactos concretos sobre os sujeitos que vivenciam o racismo. Dessa forma, a identificação desses comportamentos entre adolescentes brancos torna-se estratégica para o desenvolvimento de ações preventivas que atuem não apenas sobre as vítimas, mas também sobre aqueles que reproduzem as práticas discriminatórias ou se silenciam diante delas.

A estrutura multidimensional do instrumento mostrou-se coerente com a literatura, que aponta que o racismo na adolescência é produzido a partir da interação entre diferentes esferas de socialização, especialmente a família, a escola e a mídia⁽³³⁻³⁵⁾. Nesse sentido, a inclusão da dimensão sobre a influência familiar representa um aspecto metodológico relevante, uma vez que revisões sistemáticas indicam que o ambiente doméstico constitui um dos principais espaços de transmissão de valores e de atitudes relacionados ao preconceito racial⁽³⁶⁾. A presença de indicadores que captam discursos familiares amplia a capacidade de o instrumento acessar dimensões que, frequentemente, não são contempladas em escalas tradicionais.

No que se refere à fidedignidade, os resultados obtidos indicam uma consistência interna aceitável ($\alpha = 0,75$) e uma elevada estabilidade temporal (92,47%), compatíveis com instrumentos em fase inicial de validação⁽¹⁴⁾. Entretanto, é importante destacar que o uso do alfa de Cronbach em instrumentos multidimensionais apresenta limitações, uma vez que esse coeficiente pressupõe a unidimensionalidade, o que pode superestimar ou subestimar a consistência interna dos domínios avaliados⁽³⁷⁾. Dessa forma, recomenda-se que estudos futuros realizem análises fatoriais exploratórias e confirmatórias, bem como utilizem outros indicadores, como o coeficiente ômega, a fim de aprofundar a avaliação da estrutura interna do instrumento.

Outro aspecto que merece destaque refere-se à estabilidade observada no teste-reteste, indicando que o instrumento apresenta boa reprodutibilidade ao longo do tempo. Esse achado é relevante para a sua aplicação em contextos de monitoramento e de avaliação de intervenções, permitindo a mensuração de mudanças comportamentais em adolescentes. No entanto, é necessário considerar que respostas relacionadas a atitudes sociais podem ser influenciadas por fatores como a desejabilidade social, o que pode impactar a fidedignidade dos dados, especialmente em temas sensíveis como o racismo⁽³⁸⁾.

Do ponto de vista prático, o instrumento apresenta potencial para subsidiar ações nas áreas da saúde e da educação, especialmente na Atenção Primária à Saúde e no ambiente escolar, contribuindo para o rastreamento de comportamentos e para o planejamento de intervenções educativas. Estudos indicam que intervenções baseadas em diagnósticos prévios tendem a apresentar maior efetividade, uma vez que permitem a identificação de fatores de risco e de proteção presentes nos contextos de vida dos adolescentes^(39,40).

Apesar das contribuições, este estudo apresenta limitações importantes. Além da ausência de análises de validade de construto e de critério, destaca-se a utilização de uma amostra localizada, o que pode limitar a generalização dos resultados. Ademais, a natureza autoaplicável do instrumento pode estar sujeita a vieses de resposta, especialmente em função da desejabilidade social. Dessa forma, recomenda-se que estudos futuros ampliem a diversidade amostral, incorporem diferentes contextos socioculturais e realizem análises psicométricas mais robustas, a fim de consolidar a validade do instrumento.

Por fim, a construção de instrumentos voltados à identificação de comportamentos racistas entre adolescentes brancos representa um avanço relevante no campo da saúde coletiva e da educação, ao possibilitar a produção

de dados sistematizados sobre um fenômeno frequentemente naturalizado. A articulação entre diagnóstico, intervenção e políticas públicas, sustentada por evidências empíricas, constitui um caminho promissor para o enfrentamento do racismo e para a promoção da equidade racial, em consonância com os princípios da justiça social e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável⁽¹¹⁾.

CONCLUSÃO

A construção e a avaliação inicial do instrumento evidenciaram um desempenho psicométrico consistente com estudos metodológicos em fase preliminar, indicando a adequação dos indicadores às dimensões propostas e a estabilidade das respostas ao longo do tempo. Esses achados sustentam a utilidade do instrumento como um recurso para a identificação sistematizada de comportamentos e de condutas racistas na adolescência, especialmente em contextos escolares e de atenção à saúde, ao favorecer a produção de informações que qualifiquem o planejamento de ações educativas e intersectoriais.

A organização do instrumento em dimensões, que articulam a percepção do privilégio, as manifestações implícitas e explícitas, e a influência familiar, amplia a sua capacidade de apreender a complexidade do fenômeno, considerando que o racismo na adolescência expressa-se de forma relacional, muitas vezes naturalizada e atravessada por diferentes espaços de socialização. Essa configuração contribui para uma abordagem mais abrangente do problema, ao possibilitar a identificação de padrões comportamentais que nem sempre são reconhecidos como práticas discriminatórias.

Como limitações, destacam-se a ausência de análises de validade de construto e de critério, o que restringe a compreensão da estrutura interna do instrumento e a sua precisão em diferentes contextos, bem como a utilização de uma amostra localizada, o que pode limitar a generalização dos achados. Ademais, a natureza autoaplicável do instrumento pode estar sujeita a vieses de resposta. Diante disso, recomenda-se a realização de estudos futuros com amostras mais amplas e diversificadas, incorporando análises psicométricas adicionais que permitam aprofundar a avaliação de suas propriedades.

REFERÊNCIAS

1. Silva ATRD, Almeida BRDPD, Lima LJRDS. Avanços e desafios na implementação da educação antirracista no Brasil. *Educ Rev* [Internet]. 2025 [citado em 2025 maio 25];41:e48326. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469848326>
2. Santos IN, Black TLP, Silva KV, Santos CFBE. O racismo estrutural e seu impacto na saúde do adolescente afrodescendente brasileiro. *Physis* [Internet]. 2024 [citado em 2025 maio 25];34:e34025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434025pt>
3. Hughey MW. Superposition strategies: how and why white people say contradictory things about race. *Proc Natl Acad Sci USA* [Internet]. 2022 [citado em 2026 mar. 30];119(9):e2116306119. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.2116306119>
4. Almeida SL. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen; 2019.
5. Frankenberg R. *White women, race matters: the social construction of whiteness*. NED-New edition. Minnesota: University of Minnesota Press; 1993.
6. Schucman LV. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Veneta; 2020.
7. Aral T, Juang LP, Schwarzenenthal M, Rivas-Drake D. the role of the family for racism and xenophobia in childhood and adolescence. *Rev General Psychol* [Internet]. 2022 [citado em 2025 maio 25];26(3):327-41. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/10892680211056320>
8. Williams DR, Mohammed SA. Racism and health I: pathways and scientific evidence. *Am Behav Sci* [Internet]. 2013 [citado em 2025 maio 25];57(8). Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0002764213487340>
9. McKinnon II, Krause KH, Suarez NA, Jones TM, Verlenden JV, Cavalier Y, et al. Experiences of racism in school and associations with mental health, suicide risk, and substance use among high school students — youth risk behavior survey, United States, 2023. *MMWR CDC Surveill Summ* [Internet]. 2024 [citado em 2025 maio 25];73(Suppl-4):31-8. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.su7304a4>
10. Lazaridou FB, Heinz A, Schulze D, Bhugra D. Identidade racializada, racismo e a saúde mental de crianças e adolescentes. *Int Rev Psychiatry* [Internet]. 2023 [citado em 2025 maio 25]; 35(3-4), 277-288. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09540261.2023.2181059>
11. United Nations. *Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development* [Internet]. New York: UN; 2015 [citado em 2025 maio 25]. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>
12. DeVellis RF. *Scale development: theory and applications*. 4th ed. Los Angeles: Sage Publications; 2017.
13. Alexandre NMC, Coluci MZO. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciênc Saúde Colet* [Internet]. 2011 [citado em 2025 maio 25];16(7):3061-8. <http://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>
14. Pasquali L. *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes; 2013.
15. Polit DF, Beck CT. *Nursing research: generating and assessing evidence for nursing practice*. 9th ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2012.
16. Kottner J, Audigé L, Brorson S, Donner A, Gajewski BJ, Hróbjartsson A, et al. Guidelines for Reporting Reliability and Agreement Studies (GRRAS) were proposed. *J Clin Epidemiol* [Internet]. 2011 [citado em 2025 maio 25];64(1):96-106. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2010.03.002>

17. Munanga K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. São Paulo: Bookwire; 2019.
18. Collins PH. Bem maior que ideias: interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boindicadorpo; 2022.
19. Ribeiro D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017.
20. Grossman JM, Charmaraman L. Race, context, and privilege: white adolescents' explanations of racial-ethnic centrality. *J Youth Adolesc* [Internet]. 2008 [citado em 2025 maio 25]; 38(2):139-52. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10964-008-9330-7>
21. Cruchinho P, López-Franco MD, Capelas ML, Almeida S, Bennett PM, Miranda da Silva M et al. Translation, cross-cultural adaptation, and validation of measurement instruments: a practical guideline for novice researchers. *J Multidiscip Health* [Internet]. 2024 [citado em 2025 maio 25]; 17:2701-28. Disponível em: <https://doi.org/10.2147/jmdh.s419714>
22. Beaton DE, Bombardier C, Guillemin F, Ferraz MB. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine* [Internet]. 2000 [citado em 2025 maio 25]; 25(24):3186-91. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/00007632-200012150-00014>
23. Sousa VD, Rojjanasrirat W. Translation, adaptation and validation of instruments or scales for use in cross-cultural health care research: a clear and user-friendly guideline. *J Eval Clin Pract* [Internet]. 2011 [citado em 2025 maio 25]; 17(2):268-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2753.2010.01434.x>
24. Souza AC, Alexandre NMC, Guirardello EB. Psychometric properties in instruments evaluation of reliability and validity. *Epidemiol Serv Saúde* [Internet]. 2017 [citado em 2025 maio 24]; 26(3):649-59. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ress/2017.v26n3/649-659/en/#>
25. Conselho Nacional de Saúde (BR). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diário Oficial da União*. 2013.
26. Cunha CM, Almeida Neto O, Stackfleth R. Principais métodos de avaliação psicométrica da validade de instrumentos de medida. *Rev Aten Saúde* [Internet]. 2016 [citado em 2025 maio 25]; 14 (47):75-83. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ras.vol14n47.3391>
27. Boateng GO, Neilands TB, Frongillo EA, Melgar-Quiñonez HR, Young SL. Best practices for developing and validating scales for health, social, and behavioral research: a primer. *Front Public Health* [Internet]. 2018 [citado em 2025 maio 25]; 11(6):149. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2018.00149>
28. Swan K, Speyer R, Scharitzer M, Farneti D, Brown T, Woisard V, Cordier R. Measuring what matters in healthcare: a practical guide to psychometric principles and instrument development. *Front Psychol* [Internet]. 2023 [citado em 2025 maio 25]; 14:1225850. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1225850>
29. Dasgupta N, Greenwald AG. On the malleability of automatic attitudes: combating automatic prejudice with images of admired and disliked individuals. *J Personal Soc Psychol* [Internet]. 2001 [citado em 2025 maio 12]; 81:800-14. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.81.5.800>
30. Dasgupta, N. Implicit Attitudes and Beliefs Adapt to Situations: A Decade of research on the malleability of implicit prejudice, stereotypes, and the self-concept. *Adv Exp Soc Psychol* [Internet]. 2013 [citado em 2025 maio 25]; 47:233-79. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-407236-7.00005-X>
31. Loyd AB, Sarah E. Gaither SE. Racial/ethnic socialization for White youth: What we know and future directions. *J Appl Dev Psychol* [Internet]. 2018 [citado em 2025 maio 25]; 59:54-64. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2018.05.004>
32. Panta M, Silva MN. Os impactos do racismo na trajetória de estudantes do ensino médio: experiências e percepções de negros e brancos. *Sociologias* [Internet]. 2024 [citado em 2025 maio 17]; 26:e-soc130382. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18070337-130382>
33. Moravia W, Muylaert N. Discriminação no contexto escolar brasileiro: panorama das pesquisas. *Cad Pesq* [Internet]. 2025 [citado em 2025 maio 24]; 55:e11288. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980531411288>
34. Freitas RCS, D'Afonseca SM. O Racismo Enraizado nas Famílias Inter-Raciais de São Paulo. *Psicol Cienc Prof* [Internet]. 2023 [citado em 2025 maio 12]; 43:e244897. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244897>
35. Paulo RB, Casarin HCS, Castanha RG, Bastos GML. Racismo e preconceito nas redes sociais digitais: pesquisa com estudantes do ensino médio. *RDBCI* [Internet]. 2022 [citado em 2025 Maio 10]; 27(1):1-21. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2022.e84256>
36. Zagrean I, Barni D, Russo C, Danioni F. The Family Transmission of Ethnic Prejudice: A Systematic Review of Research Articles with Adolescents. *Soc Sci* [Internet]. 2022 [citado em 2025 Maio 14]; 11(6):236. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/socsci11060236>
37. Tavakol M, Dennick R. Making sense of Cronbach's alpha. *Int J Med Educ* [Internet]. 2011 [citado em 2025 maio 14]; 2:53-5. Disponível em: <https://doi.org/10.5116/ijme.4dfb.8dfd>
38. Van de Mortel TF Faking it: Social desirability response bias in self-report research In *Australian J Adv Nurs* [Internet]. 2008 [citado em 2025 maio 14]; 25(4):40-8. Disponível em: http://www.ajan.com.au/archive/Vol25/Vol_25-4_vandeMortel.pdf
39. Cerqueira-Silva S, Obando J, Maceno A. Fatores de risco e de proteção no desempenho escolar: um estudo de caso. *Psicol Pesq* [Internet]. 2020 [citado em 2025 jun. 12]; 14(2):1-20. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2020.v14.27403>
40. Leme VBR, Penna-de-Carvalho A, Fernandes LM, Elias LCS. Life Satisfaction of Students: Risk and Protective Indicators. *Psic Teor Pesq* [Internet]. 2024 [citado em 2025 maio 24]; 40:e40309. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e40309.en>